

Brasil virou país sem esperança, diz Paulo Cunha

Presidente do conselho de administração do Grupo Ultra diz que governo vem cometendo muitos equívocos

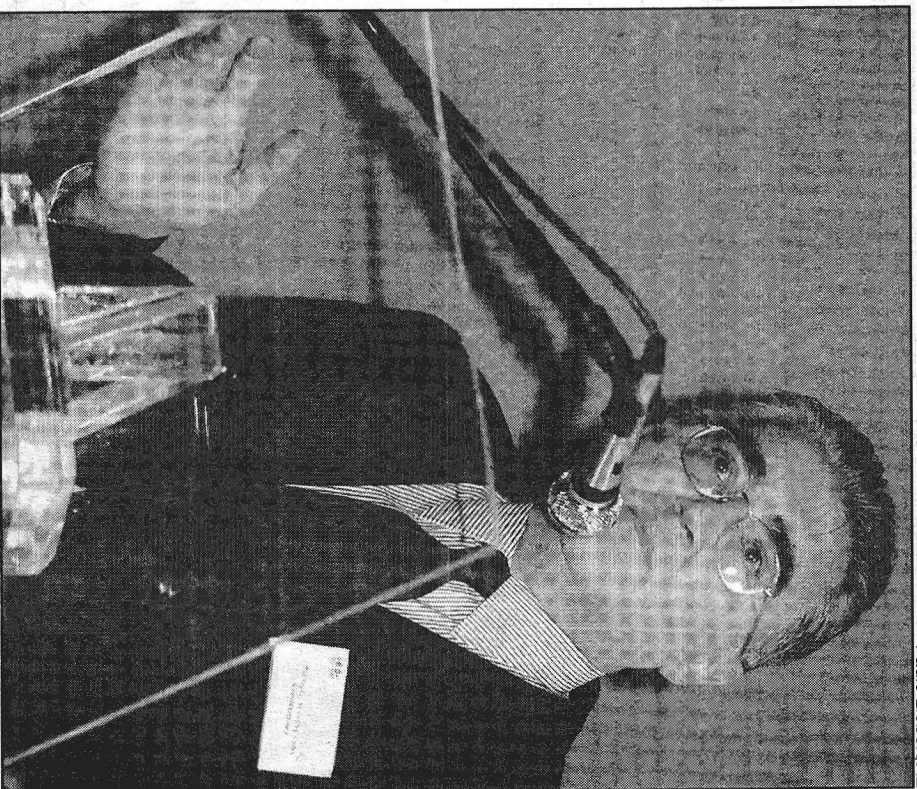
ISABEL DIAS DE AGUIAR

O governo federal cometeu tantos equívocos em sua política econômica que o Brasil se tornou um país sem esperança, segundo o presidente do conselho de administração do Grupo Ultra, Paulo Cunha. Com pesadas críticas à atuação do presidente Fernando Henrique Cardoso e à equidade econômica, Cunha prevê um futuro difícil para Brasil. "O endividamento elevado parou o País e tornou a população assustada".

Cunha foi o principal orador da solenidade de comemoração dos dez anos de fundação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), na noite de segunda-feira. Para ele, o único mérito do Plano Real foi criar a consciência na população e no governo de que o ajuste fiscal é indispensável.

O governo cometeu o erro de encomendar o projeto de desenvolvimento ao exterior, declarou diante de uma audiência qualificada, composta por alguns dos principais empresários do País, como os presidentes dos grupos Bardella, Claudio Bardella; Vicunha, Jacques Rabinovich; Votorantin, José Ermírio de Moraes e Suzano, Max Fefter.

As declarações de Cunha contam com apoio da maioria dos cerca de 40 empresários presentes. Os principais alvos foram o ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, e sua política de moeda valorizada e os juros altos para atrair o capital estrangeiro. "O País foi turbinado com recursos externos e



Paulo Liebert/AE

Cunha: País foi turbinado com recursos externos e não tem como pagar juros

AJUSTE FISCAL É ABSOLUTAMENTE INDISPENSÁVEL

não tem condições de pagar os juros, dividendos e royalties que os investidores estrangeiros breve começarão a cobrar. Outro equívoco do governo foi eleger o mercado como único instrumento regulador da economia, o que levou às distorções e à concentração da renda.

Num prognóstico pessimista do desempenho do governo de Fernando Henrique neste segundo mandato, Cunha previu um "contencioso" político, cujas dimensões, no futuro, poderão fugir ao controle do poder central. "Não é a realidade com a qual sonhávamos quando funda-

mos o Iedi em 1989", afirmou.

Paulo Cunha também não fez previsões positivas para a economia do País, durante o jantar que se seguiu à solenidade de comemoração dos dez anos de Iedi. Para ele, a expectativa de crescimento econômico proporcionado pela decisão da equipe econômica de reduzir as taxas de juros para o correspondente a 10% reais, ao ano, deverá retirar o fôlego e a disposição das empresas em ampliar as exportações. Segundo afirmou, a indústria nacional não dispõe de capacidade instalada para atender simultaneamente os mercados interno e externo. Com isso, as contas externas poderão entrar em colapso, sem recursos para manter o equilíbrio do balanço de pagamentos.